

**O ROMANTISMO NA LITERATURA BRASILEIRA:
A QUESTÃO DA NACIONALIDADE LITERÁRIA
E A FORMAÇÃO DO CÂNONE**

Camillo Cavalcanti (UESB)
camillo.cavalcanti@gmail.com

Este trabalho apresenta a transcrição na íntegra da prova escrita que realizei para professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), edital 474 de 29/09/2008 (DOU 30/09/2008), com base na leitura pública conforme exigência da banca examinadora. O Romantismo, tomado como estilo literário, tem origem bastante controversa. A convenção mais prestigiada estabelece o início na Alemanha, com Goethe. Porém, ele reconhecidamente pertence à *klassik* de Weimar, escola posicionada como Pré-Romantismo, ainda dentro dos últimos círculos neoclássicos. Complicam esse quadro as manifestações inglesas do século XVIII, anteriores a Goethe, como Edward Young, Robert Burns, Walter Scott etc. Por outro lado, a controvérsia aumenta porque a definição de romantismo oferecida pelos românticos alemães recorre a autores considerados clássicos: Shakespeare, Ariosto, Dante etc. Expliquei à banca, que permaneceu sem entender a problemática. Depois da epistemologia sobre romantismo, coube evidenciar os limites impostos por uma teoria literária insipiente, que, além de tergiversar sobre a essência do romantismo, ainda quer importar, da Europa para o Brasil, um fenômeno que dista um século transatlântico (1746-1836), embora considerando o mundo latino estejamos coevos (1816-1836), com Stendhal (França), Leopardi (Itália), Garrett (Portugal) e Espronceda (Espanha). A banca também não vislumbrou esse percurso. O Romantismo brasileiro foi detalhadamente explicado, conforme o ponto sorteado, dando ênfase no projeto de nacionalidade, forjado ora pela observação dos costumes, ora pela remota utopia fantasiada, abrindo duas vertentes para o sentimento nacional: um realismo popular e uma imaginação erudita, dois caminhos próximos, entretanto diferentes, que explicam o primeiro momento, em diálogo com o último momento, quando Castro Alves toma a lira para o abolicionismo e o republicanismo. O nacionalismo é uma espécie de sentimentalismo, o que dá unidade ao Romantismo: a banca, mais uma vez, não percebeu. As coordenadas do Romantismo assim se clareiam dentro de um recorte tradicional, entre 1836-1870.